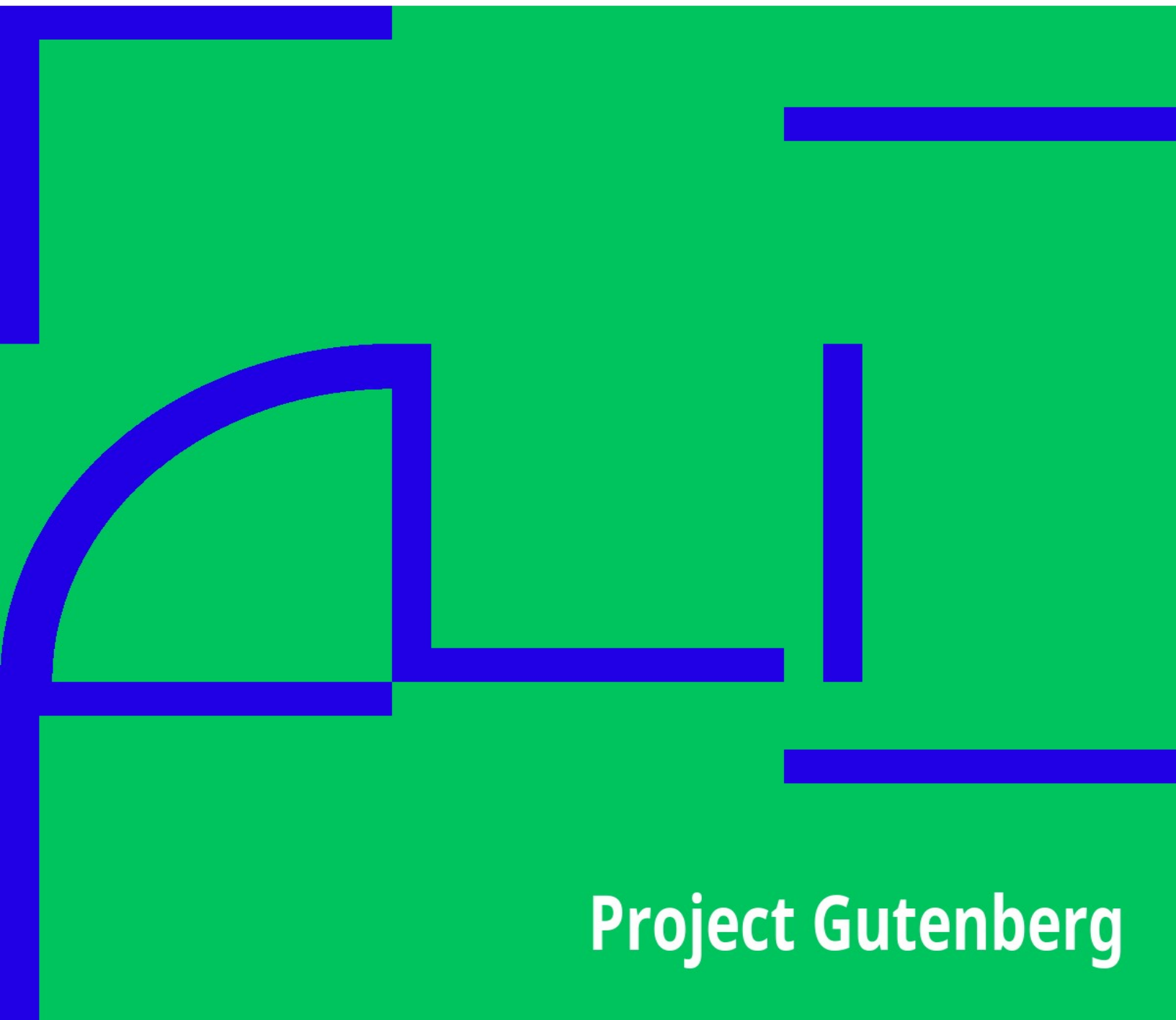


O culto do chá

Wenceslau de Moraes



Project Gutenberg

The Project Gutenberg eBook of O culto do chá

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: O culto do chá

Author: Wenceslau de Moraes

Release date: October 29, 2011 [eBook #37879]

Most recently updated: January 8, 2021

Language: Portuguese

Credits: Produced by Rita Farinha (This file was produced from images generously made available by the Almamater (Univeridade de Coimbra / Coimbra University) at <http://http://almamater.uc.pt>

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK
O CULTO DO CHÁ ***

Nota de editor: Devido à quantidade de erros tipográficos existentes neste texto, foram tomadas várias decisões quanto à versão final. Em caso de dúvida, a grafia foi mantida de acordo com o original. No final deste livro encontrará a lista de erros corrigidos.

Rita Farinha (Outubro 2011)

WENCESLAU DE MORAES

O CULTO DO CHÁ

(ILLUSTRAÇÕES DE YOSHIAKI)

KOBE Typographia do "Kobe Herald"

Gravuras de Gotô Seikôdô

1905

A
VICENTE ALMEIDA D'EÇA,
SEBASTIÃO PERES RODRIGUES,
BENTO CARQUEJA,

isto é, á *Trindade* benevolente, que
ainda ha pouco, de tão longe, me
enviou dentro das folhas de um livro—
as *Cartas do Japão*,—o perfume
ineffavel da sua amizade, offereço este
outro livro, exotico pela forma, exotico
pelo texto, mas não pelo sentimento de
profunda gratidão, que inspirou esta
primeira pagina.

Kobe, Junho de 1905.

WENCESLAU DE MORAES.

O Culto do Chá

Falla-se do Japão; nem, francamente, devera presumir-se que eu ia referir-me a um paiz qualquer occidental, onde a nossa raça branca floresce.

É no Oriente, e em especial no Extremo-Oriente, que as coisas communs da criação ou os usos e costumes triviaes da vida são susceptiveis de merecer um tal requinte de solemnidade sentimental e de praxes de rito, que constituam um verdadeiro culto. No espirito do europeu, despoetizado pela chateza dos ideas da epoca, atribulado pelas multiplices exigencias da vida, pervertido pela febre do negocio, não medram de ha muito os cultos. Especializando a observação ao chá, havemos de convir que este artigo de commercio, que de tão longe nos vem, propositadamente adulterado

conforme o nosso gosto, no fim de contas se resume n'uma detestavel infusão que entrou em moda no *sport* social, simples pretexto para repastos pelintras, para reuniões banaes, para palestras vãs.

A Asia é outra coisa: a muitos propositos immersa ainda em barbarismo, se assim se quer dizer; com mil defeitos e mil erros, que a sabia Europa aponta a dedo e algumas vezes corrige, quando pode, com a logica dos seus conhoës de tiro rapido; o que ella retém ainda, indiscutivelmente, esta Asia, é o character ancestral, nada vulgar, nada rasteiro, palpitante de orgulhos de raça, aprazendo-se em sonhos e em chimeras, acariciando a lenda, divinizando as coisas, prodigalizando os cultos; o que é, em todo o caso, uma maneira amavel, de ir comprehendendo a vida.

*

Oh, fé dos velhos tempos!... Oh, santos patriarchas de tão varios paizes e tão differentes seitas, tenazes campeões, que fostes incutindo nos simples a crença, a esperança, o amor,—balsamos consoladores das duras miserias d'este mundo,—como eu vos amo, a todos!... Meus piedosos pensamentos elevam-se n'este momento a Darumá. Segundo a tradição da gente japoneza, Darumá, o grande apostolo indiano do buddhismo, veio á China ahi pelo começo do seculo VI da nossa era christã, e em terras chinezas prégou em honra da verdade, illuminando o espirito dos povos.

Consta que, por voluntaria desistencia das ephemeris alegrias terreaes, Darumá votou-se a passar a vida de joelhos sobre o solo pedregoso, absorto em contemplações mysticas, sem mesmo permittir-se o simples regalo de dormir. Tantos annos permaneceu de tal maneira, que as pernas se lhe gastaram, claro está;

e é assim, sem pernas, só com a cabeça e com o tronco, envolto n'um manto carmezim, que ainda hoje é figurado. A imagem tronou-se querida e popular entre esta boa gente japoneza; é mesmo um brinquedo corriqueiro entre as mãositas das creanças,—os santos e os meninos vivem sempre em boa companhia;—lembrando o tal brinquedo o nosso *frade de sabugo*, pela teima em voltar, por mais voltas que lhe dêem, á sua postura habitual. Deve ainda saber-se que Darumá tem dado assumpto, desde remotos tempos até hoje, a pintores da mais alta valia; Hokusai foi um d'elles, pintando um famoso Darumá sobre uma folha de papel de cerca de duzentos metros quadrados de grandeza, empregando oitenta litros de tinta no desenho e servindo-se de cinco vassouras á laia de pinceis; estendida a tela sobre o campo, no telhado de um templo a turba admirava a obra e applaudia o mestre.

Mas voltêmos ao que aqui mais nos interessa, respeitante ao venerando vulto que invoquei, ajoelhado sobre as pedras. Consta mais que, em certa noite, as palpebras se lhe cerraram de fadiga, e o bom Darumá deixou-se adormecer, para só acordar pela manhã. Então, pedindo a alguém uma tesoura ou instrumento parecido, cortou a si proprio as palpebras indignas e arremeçou-as ao solo, n'um gesto de despeito... As palpebras, por milagre, erraizaram, dando nascença o a um gracioso arbusto nunca visto, que medrou mui de prompto e cujas folhas, tratadas de infusão pela agua quente, fôram um remedio precioso contra o somno e contra o canção das vigílias. Estava conhecido o chá; tem pois na China a sua origem, e é coisa santa, como se acava de provar. Crê quem quer; mas devo advertir que este livro foi escripto para os crentes.

*

Da China, veio o chá para as terras de Nippon, mas não se sabe quando.

Velhas chronicas mencionam (no dizer dos entendidos n'este caso melindroso), que em 729 da era Christä, durante uma festa religiosa de espavento, o imperador Shomu offerencia chá a bonzos de alta gerarchia; mas fica-se ignorando se já antes seria conhecido... Parece que um bom abbade buddista, Dengyo Daishi, foi o primeiro que obteve a planta em solo japonéz, em 805; o chá era então já uma beberagem favorita entre os bonzos chinezes, que d'ella se serviam durante as vigílias prolongadas das suas praticas nocturnas. Mais recentemente, ainda outro, bonzo, Eisei, tendo ido á China, de lá voltou, trazendo as sementes preciosas, e no monte Sefuri, em Chikuzen, cuidou da sua sementeira. Pouco depois, ainda mais outro bonzo (sempre os bonzos!) de nome Mioyé, colhendo de Eisei os varios segredos de cultura, novas sementes adquiriu, e em Toga-no-o em Uji, logares visinhos de Kyoto, attentamente se entreve em cultivar o chá; em Uji, de preferencia, fôram os resultados excellentes. Dois seculos depois, cerca de 1400, o shogun (generalissimo) Ashikawa Yoshimitsu imprimiu vigoroso impulso ás plantações de Uji, as quaes tanto fôram prosperando, mercê da riqueza do torrão, que de então até hoje o chá d'aquelle sitio tem sido celebrado como o melhor de todo o imperio; d'elle exclusivamente se serve o Imperador.

*

O Japão é a terra das camelias: *camelia japonica*, lá diz o latinorio dos botanicos.

Quando, por fins de novembro, começam os frios e as geadas e pouco tarda que as neves alvejem nos dorsos das montanhas, quando cessam as ultimas florescencias dos jardins, é então que comecam ostentando-se as bellas flores d'esta esplendida familia das camelias. Véem primeiro as sazankas, umas brancas, cutras roseas, de mimosissimas petalas frisadas; seguem-se as camelias simples, sanguineas, surdindo da rama espessa de arvores gigantes, espalhadas pelos campos; e após véem as flores cuidadas, de luxo, variando em innumeras formas, variando em innumeros tons, desde o branco de leite ate ao roseo quasi negro. Então igualmente desabrocha a pequenina flôr do chá, que tambem é uma camelia, subtilmente perfumada, composta de cinco petalasinhas alvas contornando e protegendo o feixe aureo dos estames.

*

Passando, em horas de ocio, junto dos campos de chá, dos quaes sinto prazer em acercar-me, palestro com os aldeões e aprendo noções varias, respeitantes á delicada planta. Não pode ser transplantada, nem se multiplica por estaca ou por enxerto, só por sementeira

se propaga. Os paizes quentes, como os paizes frios, são-lhe nocivos; prospera nos climas temperados, nos sitios lavados de ar e luz, visinhos dos cursos de agua, convindo um ligeiro declive ao solo de cultura. Os arbustos são dispostos em renques parallellos, de norte a sul, para que o sol lhes bata em cheio desde pela manhã até á noite; as plantas mais cuidadas reclamam na primavera grandes toldos de palha, que abriguem das geadas as tenras folhas dos rebentos. Durante o primeiro anno, dispensam adubos, que depois se applicam em periodos frequentes. A guerra aos vermes, aos insectos, exige zelos incessantes. No fim de quatro annos, já o arbusto se presta á primeira colheita; mas são as velhas plantas, de cem annos, de duzentos annos, as que melhor produzem.

*

Quem quizer tomar conhecimento com a planta de chá, nas melhores condições de prosperidade e em mais bellas galas de aspecto pittoresco, tem de ir até Uji, distante quinze milhas de Kyoto; escolhendo de preferencia um dos primeiros dias de maio, quando os rebentos novos começam vicejando, o que marca o inicio da faina da colheita. Faina e festa: a povoação inteira acorda da sua modorra provinciana; desperta em esperanças, em jubilos, em actividades incançaveis, para votar-se aos cuidados da preciosa folha; deverá presumir-se, em bom criterio, que a quadra remoçante da primavera em flores, com aromas nas brisas e quenturas creadoras, constitue tambem um forte estimulo para a alegria repentina que se pinta nos

rostos de toda aquella gente.

O quadro é deveras aprazível. Após uma banal estação de linha ferrea, estende-se a cidadessinha garrida, com as suas viella muito limpas e a fila de lojinhas abarrotadas de varia mercancia. Depois segue-se o rio, de aguas limpidas e frescas, rico de tradições de gloria; galga-se a ponte em arco, entra-se no bairro das *chayas*, dos hoteis, em tal quadra povoados de freguezes galhofeiros e de gentis mulheres, as *gueishas*, que cantam ou dedilham no inseparavel *shamicen*; e vêem depois os campos, vastos campos de chá a succederem-se pelo horisonte fóra, cuidados como jardins, em longos alinhamentos de arbustos, copados, arredondados, lembrando enormes mangericos, de delicada rama de um verde esculro bronzeado; no azul distante, alguns famosos templos confusamente se recortam.

As moças de Uji estream *kimonos* novos para o caso, arregaçando as mangas com fitas escarlates; amarram em turbante em volta dos cabellos toalhas de côr azul e branca; e assim, esbeltas, graciosissimas, em ranchos de dez, de doze companheiras, dirigem-se ao trabalho. É então um encanto para os olhos ir a gente surprehendel-as no afan do seu mister, dispersas pelas campinas fóra, como borboletas; indo de um ramo a outro ramo, de um arbusto a outro arbusto, por vezes occultando-se entre o verde mais denso da folhagem. Os dedos roseos, miudinhos, a escorrerem de orvalho e multiplicando-se em gestos delicados, vão colhendo os rebentos tenros do chá e atirando-os a grandes ceiras dispostas pelo chão; as boccas vão sorrindo, patenteando as enfiadas alvas dos dentinhos; os olhos

esbrazeam em juvenis amores inconfessados; as vozes unem-se ás vozes, em rythmos commoventes de velhas canções locaes:

"Quando nasce o sol radioso
Por cima d'aquelle oiteiro,
Todas as aguas do rio
Parecem memo um brazeiro!...

"N'estas aguas do rio d'Uji
—Taö milagrosas que são!—
Lavam-se todos os males
De que soffre o coração...

No campo, as raparigas. Nas casas, os homens, as velhas, as creanças. Será rara a familia que não tenha interesses na labuta; as grandes fabricas constituem excepção, como em todas as primitivas industrias japonezas; em cada albergue se improvisa uma manufactura, modesta, familiar, onde todos trabalham, risonhos, palestrando. O chá é escolhido, escaldado, posto a seccar, grelhado em fornos, enroladas as folhas ou reduzido pó, depois empacotado, guardado em latas, em caixas, em boiões; um melindroso amanho que requer mãos incançaveis, dedos prestimosos, cuidados inauditos, segredos de processo, meticulosidades devotas que espantam os profanos, nas quaes collabora a gente toda valida d'aquelles arredores.

*

Tal é a industria graciosa e tal é o chá que os japonezes bebem. Vêde agora como a civilização occidental contrasta com os usos d'estes asiaticos. Téem os japonezes, para lá do Pacifico, um grande consumidor do seu producto: é o *Yankee*. Tanto mimo e tanto esmero na apanha da folha e preparoções que se succedem não bastariam para o chá que os americanos vão beber. Vem de Uji e [de outros](#) pontos, tal como os japonezes o preparam, para as firmas estrangeiras de Kobe e de Yokohama; é então submetido a novas operações, ao sabor do fino paladar de Nova-York e de Chicago. Não são agora as camponezas, esbeltas e trajando roupas novas, que acodem ao mister; trabalham machinas a vapor, fumegam chaminés e guincham engrenagens; e occupa-se no preparo um mundo feminino inqualificavel, escoria das cidades, esfarrapado, piolhoso, horripilante, que a gente vê sahir das fabricas á tarde como uma leva de mendigas, cheias de pó, de pustulas, de miseria. O fabrico do chá ao gosto americano consiste n'um segundo aquecimento em grandes fornos e na addição de varios productos, como o pó de uma certa pedra, *soopstone*, e o azul da Prussia. Assim é expedido.

*

A introducção e vulgarisação do chá na terra japoneza

deveu grande incremento uma industria desde remotos tempos exercida, mas toscamente praticada,—a ceramica,—que havia de alcançar com o correr dos tempos um supremo grau de perfeição como arte nacional. A conservação da preciosa folha, exigindo escrupulos inauditos para reter o seu perfume, marcou o ponto de partida. Foi Toshiro, um oleiro da aldeia de Seto, na provincia de Owari, quem fabricou os primeiros boiões para guardar o chá, empregando processos que aprendera na China, respeitantes á perfeição da pasta e dos esmaltes. Passava-se isto ha sete seculos; e é curioso registrar que *seto-mono* (objecto de Seto) é ainda hoje o nome consagrado para indicar qualquer artigo de ceramica.

Dos boiões, passou-se gradualmente ás chavenas, aos bules, á gentil e complicada baixella que a infusão foi reclamando e o luxo pondo em moda; e ora aqui está como a ceramica no Japão,—faiança ou porcellana,—que attingiu requintes de arte primorissima, deveu ao chá e á agua morna os seus melhores progressos.

*

Quando começaram a tomar chá os japonezes, era este reduzido a um impalpavel pó e com elle se fazia a beberagem; depois veio o uso de empregar as folhas, apenas escolhidas e passadas pelos fornos; e é esta, ainda hoje, a maneira mais commum de preparal-o.

No Japão, toda a gente toma chá,—ricos e pobres, nobres e plebeus:—bebe-se na occasião das refeições

e a toda a hora, a pequeninos golos. No lar, quando entra o visitante, offerecese-lhe, após as reverencias, uma almofada de regalo e uma chavena de chá. O mercador, quando quer se amavel com o freguez, serve-lhe antes de tudo uma chavena de chá, palestra, falla da chuva e do bom tempo; só mais tarde se trata do negocio. Nos templos famosos, em Kyoto por exemplo, o bonzo offerece chá ao peregrino antes de lhe mostrar as reliquias e os museus. Pelos caminhos mais agrestes, que vão serpeando pelas collinas arriba, ha rusticos poisos espaçados aqui e acolá, onde o caminheiro descança alguns minutos, bebe uma chavena de chá, troca um sorriso, deixando em retorno um cobre sobre a esteira. Um restaurante, na pittoresca linguagem japoneza, diz-se uma *chaya*,—que quer dizer—casa de chá.—De sorte que a chavena de chá, que acompanha os *bons-dias* dados a quem chega, não constitue simplesmente uma norma rutineira, um habito banal, tornou-se como que o symbolo da doce hospitalidade japoneza, um rito da bonhomia d'esta gente, exercido religiosamente entre amigos, entre estranhos tambem, porque ao estranho, que larga á porta as sandalias, vem ao nosso lar e nos saúda, deve-se ja um sorriso e a sua parte de conforto.

*

Na casa, nua de moveis, porem mimosa de aceios requintados, figura sempre o brazeiro sobre a esteira, enas brazas vae fervilhando a chaleira de ferro cheia de

agua; o *bon* (uma bandeja) está cerca, contendo o bule, as cinco chavenas (cinco, porque? talvez por serem cinco os dedos em cada mãosinha japoneza), os cinco pires de madeira ou de metal, o cofre de estanho contendo o chá em folhas e ainda o pequenino recipiente em porcellana chamado *yuzamashi*, cuja ordinaria serventia vae muito em breve conhecer-se. O sentimento artistico japonéz deprava-se naturalmente [na industria](#) de hoje, em grande parte com destino á exportação para a Europa e para a America; é nos utensilios communs de uso indigena, onde não intervem [o modernismo](#), que ainda reside o gosto esthetico, puro e inconfundivel, da gente japoneza, revelando por si o complicado conjuncto de esmeros, de elegancias, de chimeras, em que a alma d'este povo se deleita. No que respeita o serviço de chá, é innarravel a gentileza de todo este arsenal de bagatelas, minusculas, dando a impressão de serem destinadas a um banquete de bonecas!...

A agua passa da chaleira para o *yuzamashi*, onde arrefece, pois é preceito fazer-se o chá com agua que ferveu, mas ja não ferve; prepara-se depois no bule a infusão, que é offerecida aos hospedes nas pequeninas taças de fina porcellana.

Eis a singela practica e eis a modesta offerta, actos da vida intima não poucas vizes repetidos durante cada dia, desde pela manhã até á noite. Poderiam julgar-se sem meritos que valessem do estranho um instante de attenção e um commentario; mas não succede assim. Para a alegria dos olhos, a simples preparação do chá imprime um relevo delicioso á graciosidade innata na *musumé*, na attitude que lhe é mais habitual, de joelhos

sobre a esteira, junto do seu brazeiro. A mimica é impressiva, unica; privilegio d'aquella figurinha meiga e ondulante e d'aquella buliçosa mão, de finissimos contornos, da japoneza, que é, em summa, a Eva mais gentilmente pueril, mais captivamente chimerica, mais feminina emfim, de todas as Evas d'este mundo. Parece certo que jamais o japonéz, que ignora o beijo, haja poisado a bocca n'aquella mão que exhibe esplendores de graça para servir-lhe o chá; o forasteiro, em intimidade serena, pode ensaiar o galanteio se a phantasia o tenta; e então verá talvez, que a mãosita da *musumé*, reconhecida ao afago, se conchega de encontro aos labios, se demora, como uma rola docil gulosa de carinhos.

*

O chá japonéz, servido invariavelmente sem leite e sem assucar, que lhe prejudicariam o aroma, é a bebida mais suavemente agradavel que possa offerecer-se ao nosso paladar (não de todos porem, ams um paladar sentimental, um tanto sonhador... que n'isto dos nossos órgãos de sentir ha temperamentos, aptidões affectivas características...). O *guyokuró*, por exemplo, que é o mais celebrado chá de Uji e de todo o Japão, instilla taes subtilezas balsamicas de sabor, que mais parece um perfume; poderia dizer-se que uma maravilhosa alchimia conseguiu liquifazer os aromas de flores—flores dos jardins, flores silvestres,—transferido do

olphato ao paladar a impressão do goso. Assim é o *guyokuró*; claro está que as palavras não podem traduzir senão por comparação as emoções sentidas; e esta, a do agradoce deliciosissimo que nos fica nos labios, persistindo, como na memoria persiste uma reminiscencia, uma saudade, é incomparavel...

O chá joponez tem a virtude de mitigar a sêde. Assi se explica o habito dos japonezes não beberem agua; mesmo na força dos calores, em pleno agosto, a chavena de chá, saboreada a goles, lhes dá pleno consolo. Aponta-se-lhe mais outros condões: excita ligeiramente o organismo, combate o canção das vigílias, predispõe ao bem estar, infiltra no cerebro não sei que subtil embriaguez, lucida todavia, que nos torna mais affectivos ás sensações de agrado e mais aptos ás elaborações do pensamento

*

A maneira de preparar a infusão do chá em pó e a arte de servil-o constituem a tão famosa cerimonia chamada do *chá-no-yu*. Foi assim que o uso do chá se introduzio no Japão, como uma pratica liturgica dos frades buddhistas da seita de Daisu, exercida no proposito de prolongares as mysticas vigilhas preceituadas; servia ao mesmo tempo de pretexto para reuniões intimas, que eram, imagina-se, um aprazivel desenfado á proverbial monotonia do convento; sendo um meio efficaz de estreitar laços de estima, pelas confidencias segredadas, pelos sorrisos beatificos que se cruzavam, em quanto que a unica taça ia passando, de mão em mão, de bocca em bocca, fraternalmente, até a esvaziar.

Mais tarde adoptou-se entre o povo o uso das folhas; mas o *chá-no-yu* persistiu nas bonzarias, propagando-se também nos costumes profanos, então com um exuberante luxo de apparato, que muito apaixonou a alta nobreza. Pelos dias que correm, ainda está em moda, sem distincção de classes; é um habito gentil que ficou dos velhos tempos e a que todos podem entregar-se, tido em valia pela delicadeza esthetica do scenario e ainda não despido do prestigio ortodoxo que lhe vem da remota tradição.

O *chá-do-yu*, se pode definir-se, é a arte de preparar a infusão do chá em pó, com esses escrupulos de limpeza, com esses requintes de elegancia de que só é capaz o japonéz; sendo a bebida offerecida a alguns amigos de eleição, a drede reunidos n'um recinto disposto para a paz do pensamento e para o agrado dos sentidos.

Bom é dizer agora que os codigos referenets a materia tão grave são innumeros, diversas as escolas; e os grandes profissionaes, *chájin* (homens do *chá*), de celebridade immoredoira, centenas de volumes escreveram sobre o assumpto.

Tudo foi regulamentado e comporta um preceito, que não é licito esquecer. Non tempos aureos do *chá-no-yu* o pavilhão que recebia os hospedes era construido n'um jardim e obedecia a uma architectura inconfundivel. No seu arranjo interno, para a côr das paredes, para a disposição de luz, para o numero das esteiras, para a jarra com flores ou com um ramo de arvore, havia praxes a seguir; o *kakemono* (quadro

suspenso da parede) devia representar uma paizagem que fôsse impressionar a pupilla com carinho; ou antes uma simples sentença escripta por um pincel de mestre calligraphico, pois nada commove tanto a aguda sensibilidade d'esta gente como os seus caractéres de estranha construcção, cada um equivalendo já a uma synthese de ideas e predispondo, pela sentida contemplação—ora por uma desenvoltura de traço, ora por uma ondulação de curva,—ao vago discorrer da alma sonhadora...

O plano do jardim submettia-se a regras determinadas, pelas quaes o engenho indigena se revelava em graças prodigiosas, aqui pelos contornos do lago e pelas pontesinhas que o cruzavam, alem pela escolha dos arbustos e das pedras, na intenção ingenua e amorosa de impôr á vista a illusão de uma paizagem rustica, reduzida a proporções minúsculas. Mais do que isto: a alma das coisas, o que de inexplicavel e de subtil parece emanar de um conjuncto qualquer onde os olhos se poísem,—tranquillidade das sombras, arrogancia de um tronco, ternura das relvas...—devia resaltar suggestivamente do jardinsinho japonéz, imprimir-lhe um caracter, uma philosophia, acordando na mentalidade dos visitantes um sentimento de paz, de triumpho, de saudade... Claro está que as flores de luxo, como as rosas, como as camelias, como as peonias, eram excluidas, por improprias da intenção de quadro agreste dada á scena.

Éra de estylo a monumental lanterna, tal como se encontra nos templos, de pedra, tanto mais valiora quanto mais esverdeada e roida de vetustos musgos, e espalhando pela noite vagas claridades coadas pelas

suas frestasinhas cobertas de papel; os japonezes deleitam-se em contemplar, após uma nevada, as amplas cupulas em unbella d'estas lanternas de templos e de jardins, receptaculos onde a neve poisa e se demora, em fofos vello de formas extravagantes, de deslumbrante alvura. Um outro accessorio se encontrava, cerca do pavilhão: o pedaço de rocha bruta com uma pequena cavidade cheia de agua, onde os hospedes iam lavar as mãos antes de entrarem, como em purificação liturgica.

Até a linguagem empregada entre os convivas obedecia a regras de pragmatica: os assumptos de religião ou de politica eram banidos; a phrase devia modelar-se n'um agradavel discurrer, sem ferir melindres de ninguem. A cortezia impunha-se: preceituava-se que o hospede proferisse palavras de louvor pelo que via,—alfaias de serviço, arranjo do aposento, horisontes em volta,—mas sem insistencia em demasia, que poderia parecer pouco sincera ou pelo menos importuna.

Variadissimos objectos devem encontrar-se no aposento, como o brazeiro, o carvão de reserva contido n'um cestinho, a chaleira, o abano de pennas, o cachimbo, o tabaco, o pincel, o papel e a escrevaninha. Os artigos destinados particularmente ao chá, muitas vezes contidos n'um estojo especial, são os seguintes: a boceta com perfumes, que antes de tudo se lançam sobre as brazas e embalsamam o ambiente; a jarra com agua fria e a competente colher feita de um pedaço de bambu; o chá em pó n'am cofresinho de charão e a colherinha adjunta; duas taças, de barro ou de porcellana, uma usada no verão, de côr clara, e outra escura, usada no inverno; um curioso utensilio feito de finas lascas de bambu reunidas em feixe, com que se agita na chavena a mistura do chá em pó com a agua morna; finalmente a tigela onde se lavam e o

pedaço de seda de finissimo tecido, com que se enxugam, as peças empregadas.

É o dono da casa quem deve preparar o chá, solemnemente, prescindindo do mais ligeiro auxilio dos criados; é elle que o offerece aos convidados. A mão executa setenta e cinco movimentos, n'um *chá-no-yu* havido por singelo... e trezentos, quando requeridas todas as formalidade ortodoxas.

*

No tempo do generalismo do Imperio, chamado Toyotomi Hideyoshi, mais conhecido na historia pelo grande Taiko-sama, quasi todos os genesaes eram *chajin*, isto é, ferventes apaixonados da cerimonia do *chá-no-yu*. Em 1585, o proprio Taiko-sama organisou um *chá-no-yu* colossal nas visinhanças de Kyoto, ainda hoje memorado como festa de inigualavel esplendor: uma [extensão](#) de quinze kilometros quadrados era occupada por innumerous kiosques, aonde os generaes preparavam o chá; todos, nobreza e plebe, os ricos e os mendigos,—um enxame humano!—tinham entrada; Hideyoshi visitou todos os poisos e por suas proprias mãos proparou chá, que offereceo aos chefes favoritos.

Relembrando o passado, justamente n'um periodo de effervescencias guerreiras culminantes no Japão, talvez pareça estranho, talvez pareça comico, que esses rudes heróis de tão grandes façanhas, os indomaveis veteranos das guerras na China e na Coréa, despissem armaduras, tirassem os dois sabres da cintura, para

virem votar horas chimericas a aquecer a agua sobre brazas e a preparar o chá... Mas o contraste, por si, explica o facto: era precisamente essa dura existencia de batalhas e de lances sangrentos, de inclemencias de vida nomada, de longo cogitar em extratagemas e em argucias, que impunha aos [homens](#) dirigentes a doce tregua do *chá-no-yu*. O convivio com os partidarios e os amigos, o desfile do povo alegre e reverente, a verde paisagem de repouso, a solemnidade hypnotica dos gestos, tudo contribuia para offerecer um curto aprazimento áquella gente, que assim ia apagando da memoria os amargores soffridos, estreitando sympathias, retemperando forças para as proximas luctas.

*

O *chá-no-yu* attingiu depois, durante a longa paz da dynastia shogunal dos Tokugawa, uma epocha de exaggeros faustuosos, de dissipações paradoxaes. Escolhiam-se as baixellas de entre objectos muitos antigos e firmados por um nome de fabricante prestigioso, e por isso rarissimos, preciosissimos; e estava então em moda offercel-os, no momento das ruidosas despedidas, ás bellas companheiras do festim, que haviam com as suas guitarras, com as suas canções, com as suas graças profissionaes, enfeitando os hospedes... Sorveram-se fortunas n'este abysmo.

É de então que se conta que um amator empregou n'um *chá-no-yu* utensilios no valor de trinta e oito mil yens, o que passa de quatro mil libras esterlinas; um

outro adquiria por trinta mil yens um só boião de chá!...

Ha cerca de tres ou quatro annos, em um leilão de Tokyo, um japonéz comprou por tres mil yens uma chavena de *chá-no-yu*; prova isto que ainda ha devotos *chajin* presentemente. Com effeito, se o luxo sem limites que caracterizou o *chá-no-yu* dos bons tempos feudaes desappareceu para sempre com a mudança de regimen e com a mudança de costumes, continuou todavia esta elegante pratica merecendo uma alta estima. Hoje, os dois sexos a ella se dedicam, e pode affirmar-se que faz parte da boa educação de uma menina, exigindo uns seis ou sete annos a sua aprendizagem. As *gueishas* tambem se instruem em tal culto; as celebres danças primaveraes da cidade de Kyoto, conhecidas pela denominação de *Miyako-odori*, são sempre precedidas do *chá-no-yu*, em que é officiante uma das mais gentil *gueishas* do logar; e a multidão acode, com devota deligencia, a saborear o perfumado chá.

*

Não me peçam agora, a mim, profano na materia e viajero fatigado de tão multiplices impressões que tenho vindo colhendo por este mundo fóra, uma opinião pessoal sobre o *chá-no-yu*. Estive uma vez, é certo, com dois ou tres amigos, em uma das *chayas* de mais fama da cidade de Kobe; e Tama-Guiku (o Malmequer-Precioso) era a esplendida sacerdotiza da cerimonia. A impressão que d'aquella noite guardo é indefinida, fugidia, como de um vago sonho que tivesse. Ficaram-me reminiscencias indecisas do luxo sombrio e harmonioso e do aceio extremo das coisas impregnadas de exotismo onde poisou o meu olhar. Na

meia luz do placido aposento, amplo e silencioso como um templo, contornava-se, distante, um vulto de mulher, de joelhos, envolta em sedas magnificas. As attencões fixavam-se especialmente, como que por attracção hypnotica, nas suas mãos finissimas, alvejando no espaço como se fossem de marfim, tomando de estranhos utensilios, preparando não sei que filtro de magia, poisando em mimicas hieraticas, quaes mãos de mystica officiante de uma religião desconhecida. Por fim, convidado a partilhar no sacrificio, acceitava uma taça com chá que me era offerecida e levava-a aos labios commovido, com não sei que subitos escrupulos de apostata mal firme...

Tama-Guiku concluiu. Ergueu-se, deslumbrante de graças, de atavios, de magestade. O seu rostinho meigo illuminava-se então da exaltação beatifica que lhe electrizava o espirito; dirigiu sobre nós a ardencia negra dos seus olhos, saudou-nos reverente... reverente, não porque uma infima cortezia sequer lhe merecessemos,—pobres occidentais ignaros!—mas em estricta abediencia aos preceitos rituaes; e [desappareceu](#) da scena.

*

A proposito d'estas divagações respeitantes ao chá e ao seu culto, vem-me agora ao pensamento e ainda me compunge um dramatico episodio da existencia intima japoneza, que contado me foi ha cerca de tres annos. Vou tentar descrevel-o.

Éra no fim de maio. Eu achava-me em Kobe. Um meu amigo japoniez, *chajin* apaixonado, partira para Uji, onde devia assistir a umas costumadas reuniões

votadas ao *chá-no-yu*, em casa de um parente, cuja filha, a gentilissima O-Hana, era eximia na arte; entre nós ficára combinado que eu iria encontral-o, passadas tres semanas, em Nara, a cujos velhos monumentos queríamos votar horas de estudo.

Haviam decorrido apenas uns tres dias, quando do tal sujeito recebi um bilhete, pouco mais ou menos n'estes termos:—"Pode seguir para Nara, onde me encontrará. Falhou o *chá-no-yu*. O-Hana suicidou-se. Pesava sobre ella uma desdita igual á pobre Hichi da lenda..."—

Ora, eu conhecia O-Hana; e a lenda, que por signal constitue o thema de uma notavel peça de theatro, não me era de todo estranha.

*

Vamos por partes. A lenda é como segue.

Não sei ha quantos seculos e nem sei em que logar,—nem importa sabel-o,—havia em certa rua dois estabelecimentos de negocio, dos que se chamam *Yaoya* em lingua do paiz, onde se vemdem variadas provisões,—fructos, legumes, hortaliças, ovos, peixe e muitas coisas mais.—Defrontavam um com o outro. N'um, habitava certo casal com uma filha unica, O-Hichi; n'outro, um outro casal com um só filho, Kichisa. Quiz a mofina sorte que se enamorassem um do outro.

Mofina sorte? Sim, embora, á primeira vista, não seja o caso concebivel, quando se saiba que ambos eram jovens, gentis e animados de doces enternecimentos amorosos. Eu me explico todavia. Os velhos codigos nipponicos, ainda hoje respeitados, impõem aos filhos o

preceito de herdarem o [appellido](#) de seus paes; o filho mais velho herda a mais o encargo de chefe de familia, com a administração dos bens e a superintendencia no culto piedoso devido aos parentes fallecidos. É por este processo que as genealogias não offerecem mysterios e as familias se eternizam, conservando religiosamente o mesmo [appellido](#) durante seculos sem conto; cessando apenas no caso excepcional de todos os descendentes acabarem, consanguineos ou não, pois é de uso corrente chamar ao lar, por adopção, filhos alheios. O filho unico pode certamente casar, e a esposa recebe o appellido do marido. A filha unica pode igualmente casar e então o esposo recebe o appellido da mulher. Está-se agora percebendo como para O-Hichi e Kichisa o problema se complicava em demazia, por serem ambos filhos unicos. Um meio só se apresentava, o de uma [das familias](#) adoptar um filho estranho, sobre quem recahissem os encargos de [uma supposta](#) primogenitude. Mas o alvitre era quasi impraticavel, por aquelles tempos feudaes que iam correndo, dependendo da sancção suprema do daimyô, que a negaria, por ser o caso novo; sem já contar com o orgulho revoltado dos paes da noiva, ou dos paes do noivo, da familia emfim que, para evitar de ser extincta, tivesse de investir um filho alheio nos deveres que competem ao legitimo.

É certo que as duas familias se oppozeram com toda a vehemencia a taes amores, e a casa se transformou para O-Hichi em duro encerro e a estima dos seus em aggressões continuas. Foi então que a pobre *musumé*, captiva n'uma alcova, desesperada, louca de amores, meditou em pôr fogo ao seu lar de tormentos, na crença de que as chammas lhe trariam a liberdade e o ensejo

de reunir-se áquelle a quem votara todo o seu affecto. Errou porem nos calculos, como succede tantas vezes quando se tem quinze annos e o pensamento voêja no mundo das chimeras: descoberto o seu crime apenas posto em pratica, foi trazida á justiça da cidade e condemnada á morte.

Vem agora a proposito narrar um pormenor curioso, que é de toda a tragedia o que mais me entenece. A misera seguia, conforme o estylo, pelas ruas populosas, amarrada ao dorso de uma besta, para ignominia propria e para licção do povo; mais tarde seria executada. A meio da jornada expiatoria, os seus longos cabellos soltos, como até então eram usados, cahiam-lhe em desalinho sobre a fronte, cheios da poeira dos caminhos, escorrendo de suor, fustigando-lhe as faces. Então, ou porque quizesse poupar-se a um tormento a mais, ou—quem sabe?—por um resto de garridice deminia, viram-n'a rasgar com os bellos dedos tremulos um pedaço da seda carmezim do forro do vestido, com quem amarrou junto á nuca, erguendo os braços, esses pobres cabellos... A idea pareceu graciosa ás raparigas, que se iam juntando em grupos curiosos para observarem o cortejo; e desde então as japonezas começaram de usar aquelle enfeite, que persiste até hoje e a que chamam *kikidashi*—litteralmente: farrapo—em memoria de O-Hichi, a triste namorada de Kichisa...

Mas vamos depressa ao fim da historia.

Quando em Nara deparei com o meu amigo japonez, o triste fim de O-Hana esclareceu-se em breve.

Havia em Uji duas familias abastadas, Fukumoto e Yamaguchi, possuindo as mais bellas culturas de chá d'aquelles campos. Os Fukumoto juravam que o seu chá éra o melhor de todo o Imperio, e os Yamaguchi diziam do seu chá a mesma coisa; eram no fim de contas uns caturras, professando um supino orgulho do seu nome e um culto pelo mister a que se davam; alem d'isto, ou por isto, pouco affeioados entre si, confirmando a justiça d'aquelle ditado portuguez, com curso em todas as longitudes do planeta... *dos officiaes do mesmo officio.*

O casal Fukumoto tinha um filha unica, O-Hana; o casal Yamaguchi tinha um unico filho, Naotarô. Este era um perfeito rapazola, amavel, intelligente, segundo affirma quem o viu. O-Hana era uma *musumé* em plena flôr da vida, educada em todos as gentis prendas do seu sexo. Ninguem como ella desprendia suavissimos sons do *koto*, a harpa nacional; nenhumaes mãos se mostravam tão habeis de pinheiro ou de lirios floridos trazidos do jardim; no *chá-no-yu* era incomparavel.

Eu vi O-Hana uma só vez, nos parques de Kyoto,

quando em peregrinação primaveral se vae contemplar, á luz da lua, a celebre cerejeira de Guion, toda vestida de pequeninas petalas.

O-Hana éra uma d'essas japonezinhas embebidas de enlevo e de exotismo, taes como vós as conheceis dos leques, dos biombos. Isto basta, á falta de melhor, para definir-lhe o vulto em miniatura, esguio e ondulante, coberto de sedas preciosas; e para imaginar-lhe o rosto pallido em forma de pevide de melão, os olhinhos cerrados, os finos traços das sobrancelhas em viez, a boquinha sorridente, rubra, lembrando uma cereja, e o penteado... o penteado colossal como uma enorme borboleta de azeviche, que lhe houvesse pousado, de azas abertas, sobre a nuca. Ria, curvava-se em mesuras, em meneios, agitando no ar as descommunaes mangas do *kimono*; e lá ia seguindo o seu caminho entre um bando de amigas, antes ziguezagueando, a passos miudinhos, indécisos, sem intuito. E eu ia pensando que alli estava, em carne e osso, a companheira deliciosissima, anjo de graças e fada de sorrisos, para quem podesse offerecer-lhe—japonez claramente,—uma casinha de papel em extremos de limpeza, com duas esteiras sobre o chão, um bule com chá, um prato com confeitos, uma jarra com ramos vicejantes; e á frente o jadinsinho,—bambus tufados, azaleas em flor, pedras musgosas, o pequinono lago, onde peixes vermelhos nadassem pachorrentos e rãs coxassem em noites estivaes...—

O-Hana e Naotarô amaram-se.. Não se sabe porque. Porque eram ambos jovens, vizinhos, conhecidos; e em circumstancias semelhantes a juventude attrahe a juventude...

Quando esta inclinação foi conhecida, as duas famílias irromperam em não dissimulados azedumes. O casamento era impossível. Se a adopção de um filho alheio podia resolver em theoria o problema, quem vinha sujeitar-se ao sacrificio? Os Yamaguchi? Os Fukumoto? Mas nem uns nem outros, com os diabos!... Os nomes das duas famílias, procedentes de uma linhagem tão remota que em vão se tentaria investigar-lhes a origem, gosavam em todo o Imperio de um prestigio inconfundivel, conquistado durante annos sem conto pela pobidade mercantil dos seus negocios, [pela excellencia](#) do chá da sua lavra, pela nobre chientela nos castelos; podendo apenas pôr-se em duvida, se o chá dos Yamaguchi preferival ao chá dos Fukumoto. Ora,—mercê de um capricho de estouvados,—investir, por uma adopção do acaso, um estranho na posse de tal nome, e ungil-o dos [nobres encargos](#) que competem a um futuro chefe de familia—Fukumoto ou Yamaguchi,—nem por brincadeira se propunha!... Que O-Hana e Naotarô se casassem, intendia-se; era esse mesmo o seu dever, de perpetuar pela prole os nomes dos avós; mas confiassem no bom tacto dos paes, que saberiam escolher-lhes noivos do seu agrado e em condições de não virem parturbar a paz das familias e ferir o amor das tradições.

Muito bem. Quando os dois namorados se convenceram da impossibilidade de viverem um para outro, tiveram certa noite uma furtiva entrevista á beira do Ujigawa, a pittoresca ribeira, que então serpeava em grande cheia de aguas, resultado das ultimas chuvas copiosas. Deram-se as mãos, parece; sorriam-se um para o outro; não se sabe o que segredaram entre si,

porque ninguém está ali para os ouvir...

Quando, ao romper do dia, as moças de Uji seguiam para a apanha do chá, em ranchos galhofeiros, quedaram-se de repente junto ao rio, cheias do espanto, de pavor, vendo a boiar dois corpos detidos na maranha dos juncos, rígidos, lívidos, mortos, porém sorrindo ainda e dando-se ainda as mãos...

*

.....

"N'estas águas do rio d'Uji,
—Tão milagrosas que são!—
Lavam-se todos os males
De que sofre o coração...

Lista de erros corrigidos

Aqui encontram-se listados todos os erros encontrados e corrigidos:

	Original		Correcção
#pág. 19	do outros	...	de outros
#pág. 23	ama norma	...	uma norma
#pág. 24	ua industria	...	na industria
#pág. 24	a modernismo	...	o modernismo
#pág. 26	da flores	...	de flores
#pág. 33	exteusão	...	extensão
#pág. 33	homeus	...	homens
#pág. 37	desappaeceu	...	desappareceu
#pág. 38	appelldo	...	appellido
#pág. 39	dos familias	...	das familias
#pág. 39	umo supposta	...	uma supposta
#pág. 45	pela excellencias	...	pela excellencia
#pág. 45	nobre encargos	...	nobres encargos

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK O
CULTO DO CHÁ ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR
USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you

can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations

concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- • You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- • You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate.

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.